

## O Futuro da Globalização Econômica e o Amazonas I

Nilson Pimentel (\*)

27/1/2017

Por escolha profissional, economistas tendem ao uso da dialética quando tratam sobre questões que envolvem teses sobre o desenvolvimento econômico regional objetivando alargar entendimentos e conceitos que venham trazer luz do conhecimento científico aqueles questionamentos, às ações de governos, aos programas e projetos que dizem respeito a desenvolvimento regional e à exequibilidade do fato econômico.

Tanto que, algo que diz respeito ao metier privativo da profissão não se tem deixado de colocar em pauta no Clube de Economia da Amazônia (CEA) ou pode passar sem discussões, nas quais as diversas correntes do pensamento econômico tenham a colocar suas teses, sem se furtar as críticas dentro da economia positiva.

A lógica que leva às discussões no CEA sempre é pautada nos critérios dos conhecimentos científicos e nada de achismo, na qual a coerência nos permite buscar o desdobramento do tema, o qual sempre passa pelo Desenvolvimento Econômico Regional, se tendo a acuracidade (*accuracy*) da consistência e a objetivação em vista do fato econômico real.

Visto assim, e como não poderia ser diferente, o processo de Globalização que a todos afeta, principalmente ao transformar o mundo em um lugar profundamente interdependente, também reformulou grande parte do pensamento econômico mundial.

Por isso que nesses tempos de mudanças, incertezas e alterações de rumo, se vê que muitas das questões que ora se discute suas soluções e encaminhamentos em determinadas regiões do mundo não podem mais ser fechadas ao resto do mundo, pois fatores econômicos, sociais e políticos se interconectam e problemas nacionais e internacionais se sobrepõem de uma forma sem precedentes na História Econômica recente.

Contudo, aqui no Amazonas nos preocupa a crescente dependência econômica que o Estado se atrela as atividades dinâmicas do Polo Industrial de Manaus (PIM) como real tradução do antigo projeto Zona Franca de Manaus - ZFM (o único projeto de desenvolvimento regional no Amazonas) que depois de 50 anos ainda se encontra na estaca zero em alternativa para o desenvolvimento econômico regional, mesmo tendo todas as potencialidades econômicas que se conhecem.

Pergunta-se: Por quê? Para os especialistas o que se tem denotado em todo esse tempo foi justamente a falta de comprometimento com o futuro que os governantes praticaram no exercício de mandato, haja vista todos os estudos, pesquisas e conhecimentos que se formou no Amazonas, mas eles continuam com as ultrapassadas formas de gestão e piorando a cada mandato, chegando ao disparate de desorganizar administrativamente a estrutura orgânica do Estado, sem que isto trouxesse resultados positivos.

Por outro lado, quando se depara, nesses tempos de mudanças e crise econômica brasileira, ainda se vê o gestor público estadual dizer que investimentos estanques em algumas atividades econômicas em determinados Municípios amazonenses tem o objetivo de alavancar aquelas economia estagnadas, sem se preocupar que nada disso poderá ser transformado em resultados reais, pois não existe nem sinergia e nem convergência econômica entre as atividades propostas.

Já se viu muito disso por aqui, como o terceiro ciclo, zona franca verde, amazonas rural, etc e agora recente a nova matriz econômica ambiental.

Por outro lado, os especialistas têm dito, há tempos, que sem o reordenamento econômico das atividades econômicas primárias (setor primário → agricultura-pecuária-pescado-minerais-fruticultura-extrativismo-coletivismo-madeireiro e não madeireiro-criatórios de animais-atividade de flora-culturas de espécies da flora

nativa ou não, e demais atividades que tenha na natureza sua fonte) de forma a se ordenar em cadeias de fatores que poderão ser utilizados em algum processo de transformação, não existe sinergia e nem convergência dessas matérias primas para outro estágio da cadeia econômica, pois essas atividades apresentadas simplesmente, não sustentam nenhuma planta industrial.

Lembram-se do fisco do “bacalhau de pirarucu”, pois não se observou nenhuma exequibilidade econômica dessas atividades.

Os tempos trazem mudanças, de conhecimentos científicos e tecnológicos que alteram totalmente o *status quo* das sociedades, dos processos de desenvolvimento, do modo de produção, do emprego e dos investimentos, agora observem se nesses 50 anos do projeto ZFM, algo se alterou significativamente nas atividades da economia regional, exemplo: o modo de como se pratica a pesca extrativa primária ... hoje, predatória, tanto que até algumas espécies se encontram no processo de rareamento e/ou em extinção.

E, para aqueles economistas do CEA, alguém, governante estadual e/ou municipal, gestor público indicado, deve lançar o olhar ou mudar o foco por sobre o ‘muro’ objetivando ver a existência de outras opções e soluções para a governança pública e para os processos de desenvolvimento econômico regional.

Visto assim, as preocupações dos estudiosos da Ciência da Economia quanto aos novos caminhos resultantes de DAVOS, das ações de início de governo de Presidente Donald J. Trump, do revés do BREXIT, do discurso do Presidente Xi Jinping e as estratégias da China para esse novo momento econômico, a próxima Reunião de Cúpula dos BRICS em Xiamen, para o qual o presidente chinês prega “A cooperação entre os países do BRICS, um modelo para os mercados emergentes e para os países em desenvolvimento, podem contribuir com os benefícios dos povos das nações que integram o bloco e, ao mesmo tempo, também contribuir muito ao fomento do crescimento econômico mundial, à melhora da governança global e à promoção da democratização das relações internacionais”.

Vejam que as proposições do chinês caminham ao contrário da saída dos Estados Unidos (USA) do Tratado Transpacífico de Livre Comércio (TPP), o qual estabelecia bases de relações comerciais e econômicas com 12 países do oceano Pacífico e da possível saída do NAFTA.

É para esse novo cenário que a economia brasileira vai se encontrar com possibilidades de alargar sua participação no comércio internacional com as commodities primárias, assim como o estado do Amazonas, se estiver preparado, também poderá procurar inserção nos segmentos da economia internacional que tendem ao apelo de produtos provenientes da Região Amazônica.

Nesse cenário se vê o descontentamento com o processo da globalização que reflete a existência de problemas e de como se gerenciar e controlar o processo sem impactar as economias nacionais.

Entretanto, ela continua como solução para os avanços na produtividade social, na tecnologia, nas telecomunicações e no comércio internacional, sempre impulsionada por novos resultados científicos e tecnológicos, tem levado a transferências industriais e agrupamentos de recursos para investimentos em todo o mundo, sob a forma de comércio globalizado e investimentos por empresas transnacionais nas mais diversas regiões do mundo, por isso, se tem a nítida sensação da ocorrência futura das transformações tanto no sistema internacional de divisão do trabalho, como na cadeia de valor global, onde os *big players* e países emergentes estarão iniciando uma nova fase da globalização econômica.

(\*) Economista, Engenheiro e Administrador de empresas, com pós-graduação: MBA in Management (FGV), Engenharia Econômica (UFRJ), Planejamento Estratégico (FGV), Consultoria Industrial (UNICAMP), Mestre em Economia (FGV), Doutor em Economia, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.